



## ANCESTRALIDADE COMO PRÁTICA EDUCATIVA: NOTAS INTRODUTÓRIAS DE UM EDUCADOR DA CASA ENCANTADA / CIADI

Francisco Gabriel Pereira Nascimento Farias<sup>1</sup>

Jeannette Filomeno Pouchain Ramos<sup>2</sup>

Maria Ivanilda De Aguiar<sup>3</sup>

### RESUMO

Este trabalho analisa os relatos de experiência de um educador do eixo de Culturas e Matrizes Africanas do projeto Casa Encantada, vinculado ao Centro Integrado de Atenção ao Desenvolvimento Infantil - CIADI. As discussões orbitam em torno de duas atividades desenvolvidas, a citar: “Mãe África” e “Árvore encantada: Conhecendo minhas raízes genealógicas”. O objetivo é refletir sobre os impactos de uma prática pedagógica interdisciplinar, racializada (Gomes, 2003) e crítica (Freire, 1987), com base na pedagogia freireana. O método de análise é qualitativo, por meio de observação participante, revisão de literatura e análise de documento do diário de bordo do educador. Resulta-se a importância da prática educativa com base no diálogo crítico ainda na infância, para a tomada de consciência de falas e atitudes. Após a realização das atividades, foi perceptível os efeitos positivos na formação integral das crianças, evidenciando a importância da intervenção da prática pedagógica de forma lúdica, problematizando determinados assuntos pertinentes em sala de aula.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento infantil; CIADI; Ancestralidade; Culturas e Matrizes Africanas.

---

UNILAB/CE, Bacharel em humanidades, graduando do curso de pedagogia instituto de humanidades, Discente, gabrielfarias@aluno.unilab.edu.br<sup>1</sup>

UFC, FACED, Docente, jeannette@ufc.br<sup>2</sup>

UNILAB/CE, ICEN, Docente, ivanildaaguiar@unilab.edu.br<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

O Centro Integrado de Atenção ao Desenvolvimento Infantil - CIADI - é um projeto desenvolvido por professores de diferentes institutos e áreas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), juntamente com educadores (bolsistas e voluntários), na região do Maciço de Baturité. A equipe do CIADI acolhe crianças entre 4 a 10 anos, no contra turno escolar e desenvolve atividades interdisciplinares de extensão, ensino e pesquisa, com foco em uma educação antirracista e humanizada, de forma contextualizada (CAIADO, et al 2021). No ano de 2017, foi fundada a Casa Encantada, projeto do CIADI em parceria com a prefeitura de Redenção.

O objetivo do projeto é desenvolver ações extensivas integradas e interdisciplinares visando o desenvolvimento infantil; formando educadores em uma perspectiva intercultural, antirracista e interdisciplinar; reconhecer e vivenciar os desafios da construção de parentalidade contribuindo com a permanência, melhoria do desempenho e conclusão da graduação da(o) estudante mãe/pai da universidade propondo um suporte psicológico, pedagógico e ofertas de atividades extracurriculares, oferecendo apoio a permanência estudantil, e a toda comunidade do Maciço de Baturité (CAIADO, et al 2021).

As atividades são desenvolvidas em quatro bimestre anuais, cada um com seu tema gerador, a citar: Corpos e estilos, Povos originários, Terra e vida e Infância e sociedades, transversalizando os seis eixos de atuação: Etnociências; Artes; Cultivo da terra; Ludicidade, Griôs (contação de histórias) e Matrizes e Culturas Africanas.

Neste artigo, é destacado o trabalho desenvolvido no eixo Matrizes e Culturas Africanas, mediante interações e observações feitas pelo educador, que é bolsista e estudante do curso de Pedagogia/Unilab/CE. O objetivo é refletir sobre os impactos de uma prática pedagógica interdisciplinar, racializada (Gomes, 2003) e crítica (Freire, 197).

Segundo Machado (2014), “A ancestralidade, a alteridade e o encantamento, aqui, delinearam a filosofia africana, ao mesmo tempo em que os princípios da diversidade, da integração e da tradição dançam, entrelaçam-se, permeando todos os espaços do pensamento africano e afro-brasileiro.” sendo necessário essas determinadas intervenções educativas para que as formações integrais das crianças sejam contempladas.

Essa conduta pedagógica de intervenção e diálogo entre educador e educando parte dos conceitos freiriano para ser alcançada uma educação libertadora e humanizada. Em sua obra “Pedagogia do oprimido”, o autor faz a discussão das relações de coerções entre os indivíduos que são opressores e os que são oprimidos, e em como funciona o sistema de poderes dessas classes. Ele está pensando na educação dialógica como um meio de libertação, em contraposição a educação antidialógica. Essa liberdade é pensada através do desenvolvimento da consciência de pertencimento dos indivíduos, buscando sua autonomia frente a manipulação, em uma ação colaboradora.

A relevância deste estudo pauta-se na discussão racial com desenvolvimento de diálogos sobre o Brasil (Afro-Brasileiro) e na cooperação Sul-sul (Continente africano) na educação de crianças.

## METODOLOGIA

O método de pesquisa é qualitativo, a qual segundo Godoy (1995), existem algumas possibilidades para se alcançar os resultados das pesquisas sociais, sendo ela etnográfica, biográfica, entre outras. O método de análise deste estudo direciona-se à observação participante, revisão de literatura e análise de documento do diário de bordo do educador.

Este método visa refletir em torno dos seguintes questionamentos: qual a importância da reflexão e conscientização da ancestralidade na infância? Como um educador pode intervir em sala na proposição da educação anti racista?

O período de desenvolvimento das atividades descritas foram entre os meses de agosto e setembro, no terceiro bimestre de atuação do projeto com o tema gerador de “Terra e vida”, a primeira com o tema “Mãe África” foi executada em um único dia com 07 crianças, todas de nacionalidade brasileira e a segunda com o título “Árvore encantada: Conhecendo minhas raízes genealógicas” foi desenvolvida em três etapas, sendo a primeira para a construção da base (tronco), em seguida os frutos e por fim as raízes genealógicas, sendo desenvolvida com 10 crianças, todas brasileiras.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Parte I - “Mãe África”

O debate aqui apresentado tem foco no desenvolvimento, discussões e resultados de duas atividades do eixo de Culturas e Matrizes Africanas, no tema gerador Terra e Vida, a citar:

“Mãe África”, objetivando a escuta reflexiva das percepções das crianças sobre o continente da África e a possibilidade de desconstrução de estereótipos sociais. Antes de iniciar as atividades o educador realizou algumas brincadeiras que são originárias dos países africanos. Após a acolhida da brincadeira chamada “Pula feijão” de origem nigeriana, foi questionado as crianças sobre o que vinha em suas mentes quando falado sobre a África. A maioria das respostas viam a África como um lugar seco, pobre e “atrasado”, foi dito: “Na África não chove”, “As pessoas da África não tem carros” “Eles são muito pobres e tem muita fome lá”. Mediante seus relatos, eles desenharam seus pensamentos, sendo elaborados casas de palhas, meninos e meninas nus, vários sóis e também um “Zangbeto”, depois que todos concluírem, houve a socialização, onde cada um explicou o significado do que desenharam e a motivação para a representação daquela imagem. No decorrer das explicações e no direcionamento de perguntas, as crianças começaram a se auto questionar sobre aquela representação da África, pautando-se qual seria a relação daqueles desenhos com a realidade e, às vezes, as explicações surgiam entre eles mesmo, sendo dessa forma evidenciado a importância de levar o diálogo e socialização para a prática educativa. Junior Cunha (2009) discute em seu estudo a importância do educador pensar suas condutas pedagógicas trabalhando com a contextualização, para que a criança se sinta inserido no debate da aula e que por meio do acolhimento as suas falas se tornem um mecanismo pedagógico de intervenção do educador. Relacionando a teoria do surgimento dos primeiros homo sapiens no continente africano e destacando a África como “o berço da humanidade”. No contexto do Brasil, ser negro e negra é um desafio constante, “construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros” (Gomes, 2003, p. 171).

### Parte II - “Árvore encantada: Conhecendo minhas raízes genealógicas”

A atividade “Árvore encantada: Conhecendo minhas raízes genealógicas”, trabalhou a questão das ancestralidades das crianças e as valorizações das culturas africanas e afro brasileiras, por meio do conhecimento e consciência dos mesmos com seus/nossos ancestrais, de forma lúdica, valorizando as diversidades de corpos em sala. O desenvolvimento da atividade iniciou com uma “roda de interação” entre educadores e educandos, com foco no debate sobre o que era de conhecimento da turma com relação a ancestralidade. Logo após, as crianças iniciaram a produção da “Árvore Encantada”, as crianças começaram desenhando o tronco da árvore em uma cartolina, recortar e colocaram entre a parede e o teto para servir de

base, depois cada criança desenhou a sua fruta favorita para colocar em cima da árvore e comentaram o quanto aquela diversidade estava bonita. Quando finalizada essa primeira etapa, o grupo fez uma socialização e cada um destacou as aprendizagens realizadas com aquela atividade. Neste momento, eles enfatizaram a beleza da árvore com relação às diversidades de frutas e frutos. A segunda etapa consistiu na construção das raízes genealógicas que seria colocada embaixo da “Árvore Encantada” como uma forma de resgatar as memórias dos antepassados das crianças. Cada criança falou sobre quem eram seus avós e pais, suas duas últimas gerações, por meio da paródia da música “pulou, pulou, pulou um grilo na minha mão” de autoria do grupo “Pedagogia sonora” com a paródia “pulou, pulou, pulou um grilo na raiz”. Dias depois da realização da atividade, uma das crianças relatou que ensinou a música aos seus pais para saber quais eram as outras gerações de seus pais, com isso fica perceptível as reproduções dessas condutas pedagógicas anti racista e de valorização as culturas afro referenciadas, sendo desenvolvido com as crianças uma conduta educativa crítica e dialógica, mediada pela pedagogia freireana. Por meio dessa atividade, o educador desenvolveu duas percepções interseccionadas, as diversidades por meio das variadas frutas que as crianças desenharam e colocaram na árvore e a valorização dos seus antepassados, como uma forma de pensar uma cultura que é inferiorizada e reproduzida socialmente como algo atrasado.

O desenvolvimento dessas atividades possibilitou uma prática dialógica, de inter-relações raciais e interseccional, com base em discussões de valorizações culturais afro-brasileira e afro centradas, valorizando as dimensões ancestrais, com resultados positivos com uma prática voltada para a criticidade direcionadas a suas próprias falas e ações, apesar de que determinadas questões apresentadas já engrenadas em seus pensamentos e corpos, como uma reprodução de condutas de valores, por meio de suas interações sociais na sociedade e família.

Dessa forma, o estudioso Junior Cunha (2009) relata a importância de pensar no desenvolvimento de propostas de atividades como uma forma de superação a determinados preconceitos estruturados socialmente, possibilitando por meio da conduta do educador uma educação inclusiva e de convivência das mais variadas presenças em sala. O estudioso Oliveira (2012), expressa em seus estudos que o mundo não é capaz de se reduzir a um texto mas um texto pode se reduzir ao mundo e por meio dele o mundo do outro pode ser uma possibilidade de conhecimento.

## **CONCLUSÕES**

A realização das atividades propostas permitiu o alcance de resultados significativos por meio das práticas educativas que pensam no despertar da consciência racial e também das valorizações culturais africanas e afro-brasileiras, sendo perceptível a reverberação desse trabalho ancestral das famílias às suas comunidades de convivência.

A prática pedagógica interdisciplinar possibilitou o diálogo entre educador e educandos, proporcionando uma educação libertadora e reflexiva, além da valorização e conscientização racial, como uma forma de desenvolvimento da criticidade de forma lúdica.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao CIADI - Centro Integrado de Atenção ao Desenvolvimento Infantil e a PROPAAE.



## REFERÊNCIAS

- CAIADO, Ana Paula, S. et al. Semeando a terra e colhendo baobás: seis anos do Centro Integrado de Atenção ao Desenvolvimento. In: MONTEIRO, Artemisa O. C.; LIMA, Ivan. C. (Orgs). UNILAB 10 anos: Experiências, desafios e perspectivas de uma Universidade Internacional com a África e Timor -Leste no interior da Bahia e do Ceará. Vol 1. [Eletrônico] Fortaleza: Imprece, 2021, pp. 84-99.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- GODOY, Arilda Schmidt. PESQUISA QUALITATIVA: Tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas. São Paulo. V. 33. N. 3. p'g. 20 - 29. 1995.
- GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e pesquisa. São Paulo. V.29. N. 1. pg. 167-182. jan/jun. 2003.
- JUNIOR, Henrique Cunha. Candomblés: como abordar esta cultura na escola. Revista Espaço Acadêmico. N 12. 2009.
- MACHADO, Adilbênia Freire. FILOSOFIA AFRICANA PARA DESCOLONIZAR OLHARES: PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS. Revista de Educação Ciência e Tecnologia, Canoas, v.3, n.1, 2014.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. FILOSOFIA DA ANCESTRALIDADE COMO FILOSOFIA AFRICANA: EDUCAÇÃO E CULTURA AFRO-BRASILEIRA. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação - RESAFE. N. 18. 2012.